

A man in a pinstriped suit, white shirt, and blue tie, looking directly at the camera. The image has a halftone texture and is overlaid with various colored paint splatters and brushstrokes. The background is white with scattered paint splatters.

**MOA SIPRIANO**  
**MARIDO IDEAL**





---

# MARIDO IDEAL

Moa Sipriano



[www.moasipriano.com](http://www.moasipriano.com)

---

---

Design da Capa & Editoração  
**Moa Sipriano**

Imagem da Capa & Tipografia  
**pixabay.com**  
**dafont.com**

Todos os direitos reservados a  
**Moa Sipriano**

Site oficial & Contato  
**moasipriano.com**  
**escritor@moasipriano.com**

---

Primeiro Setembro de liberdade.

Segundo sábado. Quatro da tarde. Início do velho ritual. Realizo, angustiado, os preparativos básicos para mais uma noitada daquelas.

É pouco para o meu prazer viver uma hora exata debaixo do chuveiro. Eu lavo, esfrego, aliso. Eu bato uma. Água, água, água. Espuma, espuma, espuma. Dos meus lados de fora, tudo deve criar a ilusão do Perfeito. Nos meus fundos úmidos, eu quero mais é que o planeta se dane. Tô nem aí para a Mãe Natureza. Água, água, mais água. Espuma, espuma, muita espuma. Dedo enfiado no rego.

Enrugado e fumegante, corro para o departamento dos cremes, escovas, perfumes e afins. Afundo-me na cadeira manca. Encaro um espelho que insiste em apontar a totalidade dos meus defeitos. Disfarço a mediocridade da minha aparência em cronometrados quarenta minutos. Dou meus truques, sempre embalado por Miley Cyrus.

A indumentária já repousa no cabide. Conjunto escolhido desde a última quinta-feira. Tudo combinando. Calça e camisa *by* C&A. Duas peças divididas em doze prestações. Espero que o investimento seja recompensado.

Meu visual Restart com Nightwish domina minha cama de solteiro. Eu, agora devidamente retocado, sonho em me casar na madrugada. Mais uma vez.

Meu deus, o cabelo! Eu quase me esqueci do novo penteado. Assopra, esquenta, estica, alisa, faz escova, joga o topete para trás.

Gel. Gel. Gel gosmento de uma marcamelô.

Pelo menos o troço cheira gostoso.

Olhos no espelho.

Tô linda! O topete? Algo meio Zac Efron quando era virgem.

O brilho... Jesus, me abane. Cadê a porra do brilho?

Quero mais brilho!

Assopra, esquenta um pouco mais... assim... ufa... perfeito!

Gasto mais trinta e sete minutos.

Comer algo antes de sair? Nem pensar.

Já imaginou se empanturrar de arroz, feijão e ovo frito e de madrugada, na hora “G”, espargir um mousse de barro na camisinha?

Deus me acuda e me enfie debaixo do Seu Saiotão plissado!

\* \* \*

A Noite me abordou repleta de luzes, buzinas e caos.

Chegamos à boate em bandos.

No cadavérico interior de novo visual, engulo nicotina e masco o cheiro de sexo, muito sexo, que estapeia minha cara coberta de base Avon.

Música nos píncaros. Decibéis deflorados. Começo meu desfile entre meus iguais que lutam tanto para ser diferentes. Fico orgulhoso por ainda causar certo furor por onde passo.

Produção? O.K.

Postura? O.K.

Cabelão? O.K.

Corpo perfumado na medida, hálito impecável? O.K.

Feliz Trinta Anos. Tudo em cima. Vamos à luta!

Vogue Remix. Madonna sempre dá certo. Um pouco de pose. Meus olhares catapultam pretendentes. Viajo em visões periféricas a abocanhar todos os alvos. Sinto que sou consumido por uma dezena de olhos arroxeados.

Mais vogue, mais pose. Dance, transe, dance. Só no All Star.

Encontro mais amigos. Os mesmos purpurinados a bater cartões e carteiras. Ignoro sem ignorar. Solto aquele sorriso forçado no ar, sempre falso, como a jogar ao longe: “Hello *Bofie*, tô aqui. Venha me come... consumir!”

Pedido feito, desejo realizado.

Pintou a única caça da noite. Dou um “chega-pra-lá” nos bambees parasitas. Mais vogue, mais pose. Começo aquele rebolar chamativo demais.

Sou muito *beesha* quando caço. Não dá para negar a maravilhosa Passivona que vive em mim.

Num caminhar que só eu julgo sensual, salto na direção do Escolhido. Sento-me à mesa, acendo um cigarro, escancaro o sorriso.

Tudo mecânico, tudo rotina, tudo mais-do-mesmo.

Caça Número 297 – menino tímido, fazendo a linha Justin QAF – fica encantado.

A velha troca básica de currículos onde tudo é um rosário de mentiras deslavadas. Tenho que impressionar.

Ninguém busca relacionamentos sérios para ouvir verdades. A verdade

é chata, a realidade é irritante. Tudo é mágoa, eternamente. Vamos cair de bocas nos seios flácidos da Ilusão!

Que desespero. Levou meia hora. Foi difícil rolar o primeiro beijo de língua. Porém, foi muito fácil, entre afagos posteriores, lambidas na nuca e o vomitício “*obrigado por você existir na minha vida*”, fazer com que a pegação e as batidas dos nossos corações carentes atingissem níveis pra lá de elevados. Confirmávamos nossos anseios pela rigidez dos nossos caralhos num embate estúpido.

Ah, sim, nossas picas, bundas e mamilos foram acariciados à exaustão. Um já sabe o que o outro gosta. Graças aos céus, nada de continuar com aquelas perguntas cretinas, óbvias, bocejantes. Caça Número 297 tinha um pingo de inteligência. Tudo seguiu bonitinho, como finalmente deve ser.

“Vamos sair daqui”, disse Caça I.

“Você tem lugar, não tem?”, ele emendou, afoito.

“Sim, eu tenho!”, arremedei o inevitável.

O casal quase casado deixou a boate. Fiz questão de passar perto da leva de bambees solteiros. Despejei minha gargalhada, triunfante:

“Migaaas, tô namorando!”

\* \* \*

A madrugada foi primorosa.

Muito beijo, muito chupa-chupa, muito mete-mete. Graças a Oxalabambim, não passei cheque mesmo após a segunda “dada” da noite, depois dos quilos de donuts.

Mas que bofie TUDO!

Juras de compromisso eterno, gastas frases feitas retiradas de para-choques de Jacarés. Até um “eu te amo” rolou bem gostoso na saideira do primeiro encontro.

No dia seguinte passei horas e horas declarando via Internet o meu novo estado civil. Contei em detalhes aos amigos e ao mundo, nas redes sociais e sinais de fumaça, tudo o que havia rolado com meu novo ficante.

“É tão fácil arrumar um marido!”, estampeei, gravei, escrevi, soletrei, digitei para quem quisesse ouvir, saber, entender mais do mesmo.

“Morram de inveja!”, registrei no delicioso e inútil campo *O que você está pensando agora?*

\* \* \*

Na primeira semana de namoro-compromisso, tudo foi uma floricultura.

Na segunda semana, ainda “cegos de amor”, eu e Caça Número 297 descobrimos, tímidos, que havia determinadas manias toscas que precisavam ser aparadas.

Mas... para que se preocupar com isso, não é mesmo? Viva o AMOR!

Na terceira semana rolou as inevitáveis cenas de ciúme. Maldito celular. Toca de cinco em cinco minutos: “Onde você tá?, Pode falar agora?, Que barulho é esse?, Por que essa porra fica sem sinal a todo instante?, De quem é essa voz aí no fundão?”

A lista é interminável. A histeria bambeena, idem.

Na quarta semana, eu e 297 assumimos que talvez não fôssemos feitos um para o outro. Era hora de rebuscar uma reciclada Alma Gêmea. Era hora do “... *prá dizer adeus, prá dizer jamais*”.

Mas 297 revelou ser um grande covarde. Nada de “um dia, um adeus, eu indo embora, quanta loucura por tão pouca aventura”.

Guilherme... Santo Arantes, você ainda é o Cara!

\* \* \*

Lembro-me que C297 voltou volitando à boate.

Achou um, trepou com dois e tudo ficou por isso mesmo.

Eu – já sabendo do babado via Big Bambee Bróde (Santas Miigaas!) – me enterrei numa linha deprê básica. Lasquei Yentl Streisand e Nora Sonífero Jones no iPod, derramei meia dúzia de lágrimas frias e vazias, fiz a famosa *myself* análise, do tipo: “Onde foi que eu errei?, Por que ninguém gosta de mim?, Por que eu sou tão submisso? Por que blá blá blá?” e desandei a encher a cara, todas as tardes, logo depois do expediente.

Smirnoff Ice ultragelada. Dúzias delas. Debitadas debilmente no meu quase caduco Mastercard naquela modernosa loja de inconveniências.

\* \* \*

Uma nova semana. Hello Sabadão!

Eu, Adriano, quase refeito.

Horas e horas de produção. Corpo limpo e mente quase sã.

Inaugurei um intrincado corte no cabelão cor de piche devidamente pincelado de luzes. Muitas luzes prateadas.

Tudo “Mara”.

Renascida entrada triunfal na boate.

Novo sorriso-poser. Mesmos gestos. Mais uma vítima.

Após quarenta e nove minutos do segundo tempo, rolou o encontro da noite. Entre afagos posteriores, lambidas na nuca e mais um “obrigado por você existir na minha vida”, a pegação e as batidas dos nossos corações carentes atingiram níveis elevados, confirmados pela rigidez das nossas picas históricas. E dá-lhe uma porrada de línguas epiléticas em beijos fora de sincronia, regados a Hollywood mentolado.

\* \* \*

Eu e Caça Número 298 deixamos a boate rumo ao meu apê.

A madrugada foi um festival de chupa-chupa, mete-mete.

Mais juras de amor. Mais promessas que jamais seriam cumpridas.

Suado, exausto, fora do eixo, ainda com o infernal rabo ardendo em Vaporub, fixei o olhar na parede amarela do meu quarto bolorento, enquanto 298 tomava uma ducha no banheiro anexo. Eu meditava, orgulhoso:

“Puxa, como tenho sorte. É tão fácil arrumar um marido...”

Mas...

... ele disse que me amava. Ele foi embora. E não voltou.

O número do celular era uma mentira.

Meu casamento durou apenas uma madrugada.

299 Definitivo. Cadê você?

\* \* \*

Na minha solidão involuntária, refleti e meditei.



É muito fácil arrumar um marido nos dias de hoje. Seja numa boate, numa sauna, via Internet, usando aplicativos de pegação, enfim, descubri que você só não tem “marido” se for por pura incompetência, por não acreditar no seu taco... ou no seu rabo.

Não posso esquecer de mencionar que muitos dos meus amigos têm sorte em arrumar marido até em banheirão!

Eu rio. Eu choro. Eu bato palmas para essa laia desvairada. São casos que me deixam boquiaberto!

Ninguém busca relacionamentos sérios para ouvir verdades.

A verdade é chata, a realidade é azucrinante. Tudo é mágoa, eternamente.

Vamos cair de bocas nos seios flácidos da Ilusão!

Hoje, confesso que sinto pena quando me deparo com os registros de bambees em seus perfis nas redes sociais: “Procuro um grande amor... Quero amar e ser amado... Já perdoei erros imperdoáveis (essa é clássica do copiar e colar – mesmo que a anta não entenda nada do texto original)... Meu coração está disponível para um verdadeiro amor...” e por aí vai a lama verde.

Tenho vontade de vomitar ao ouvir, entre lágrimas profundas e soluços emocionados, o morfético: “*Obrigado por você existir na minha vida!*”.

Eu e o Universo Gay em sua totalidade quer um marido. Eu e você necessitamos de um amante, um ficante, um trepante ou o conjunto de uma obra utópica.

Tudo legal, tudo bacana.

Mas descobri que são poucos, aliás, pouquíssimos que se preocupam ou tem senso em buscar um parceiro a fim de compartilhar companheirismo. Isso, sim, é difícilimo entre todo ser humano que sonha em amar de verdade.

Descobri que buscar, conhecer e manter um companheiro ao meu lado ainda é uma tarefa hercúlea. Descobri, através dos inúmeros erros, que a verdade está em ser honesto desde o primeiro encontro; ser realista, sincero, autêntico. Afinal de contas, tentar compreender e aceitar as belezas e os limites do candidato ao seu coração é o grande passo para o triunfo de ambos.

Eu tagarelo o óbvio para mim-eu-mesmo. Que merda viver embotado na eterna procura do homem errado a compartilhar uma existência passageira.

Sou um inútil. Comporto-me como um demente. Basta o sujeito dar uma pegada mais forte no pau e pronto... já estou “xonada”. Basta o cara cuspir

uma penca de frases tiradas de bundas de caminhão e pronto... a Galinheira aqui já acha que está amando.

Descobri que o que me cansa e me entristece numa relação – seja ela de amizade numa primeira instância e de um possível amor num prosseguimento – é que sou egoísta demais para aceitar alguém como esse alguém realmente é. Sou tapado demais para ouvir, compreender e me deixar entender.

Sufocamos nossas oportunidades perante a Felicidade enquanto cegos pela carência dos nossos rabos.

Percebi, tardiamente, o quanto me preocupo com minha física aparência medíocre, com minhas ostentações idiotas e esqueço que deveria dar um pouco mais de atenção ao lado humano da coisa: ao Respeito, à Verdade, à complementação das afinidades.

Detalhes que deveriam ser descobertos nas ondas do olhar, do diálogo aberto, desde que ambos sintam que há algo em comum e que vale a pena investir na relação.

Minha caça incessante ao marido ideal põe em xeque a capacidade de discernir homens promissores dos Tranqueiras que esbarramos em qualquer esquina fedorenta.

Tranqueiras, tranqueiras. Eu também sou um Tranqueira.

O que eu estou falando?

\* \* \*

Meses foram perdidos, deixados para trás no círculo dos meus movimentos regressivos. Daqui três dias... mais um Dia dos Namorados. Minhas redes pegam fogo. A quantidade de de-ses-pe-ra-das à procura de um marido não está apenas escrito. Está escarrado.

Soa em mim-eu-mesmo o alerta. Descubro que achar um marido é realmente fácil. Basta uma volta num Parque Ibirapuera da vida e a gente “casa” em menos de duas horas depois de um clandestino roça-roça de doze minutos.

Na real, se busco um marido COMPANHEIRO, devo aprender a me valorizar em primeiro lugar, para em seguida aprender a ouvir, aprender a “jogar limpo”, aprender a ser menos egoísta, aprender a usar o bom senso, aprender a ser uma pessoa autêntica, única, honestamente desejável.

Aprender, aprender, aprender. Preciso aprender a aprender o que deve ser aprendido. É no ridículo das repetições que deveríamos encontrar todos os detalhes ocultos – pela vaca da Ignorância! – da nossa liberdade. Só assim, por pura afinidade, vou atrair quem realmente merece trilhar o mesmo destino.

Eu paro. Eu reflito: tudo é tão óbvio!

Por que a gente faz questão de sofrer tanto por tão pouco?

E você, que me consome as palavras enquanto sonha com ele, batendo uma pensando nele, no ímpeto de se juntar a ele... acha que está preparado para encontrar um marido ideal?

Apanhei por ignorância própria, sofri por minha culpa, mas descobri por mim-eu-mesmo: Oh, Adriano. Você sabe qual é o segredo, não é mesmo?

\* \* \*

Quando você aprender a se amar, você atrairá de supetão quem você realmente merece!

\* \* \*

Ei, você, aí do outro lado.

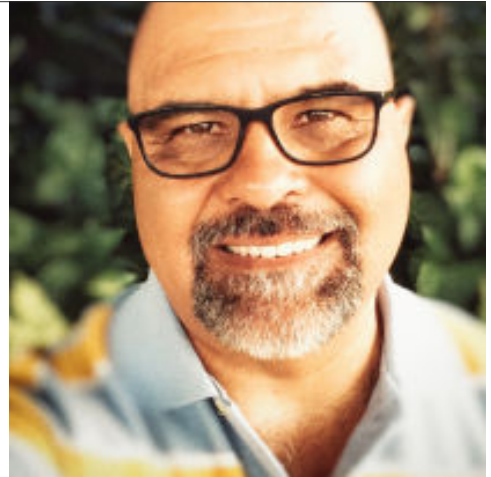
Eu vejo que o seu homem já está disponível e bem mais próximo do que você imagina.

Releia minhas palavras.

Siga a (minha) bolinha.

Cante a (sua) canção...

... pois para conquistar o marido ideal, você só precisa ser verdadeiro consigo mesmo.



## Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

\* \* \*

Para conhecer todas as obras: **[moasipriano.com](http://moasipriano.com)**

E-mail: **[escritor@moasipriano.com](mailto:escritor@moasipriano.com)**

Facebook: **[facebook.com/moasipriano](https://facebook.com/moasipriano)**

Instagram: **[instagram.com/moasipriano](https://instagram.com/moasipriano)**

---